

COMUNICAÇÃO

MEMORIAL, MEMORÁVEL, Memória, História. (*)

Sílvia Maria Aragão de Andrade Furtado

Mais uma vez vem a rima. E o espanto: "Será que o materialismo histórico não me salvou?"

Vasculho minha cabeça e a estante. A memória me trai (por um instante). E a estante? "Um país se faz com homens e livros". Meu curso na Universidade fiz basicamente através de textos, fragmentos xerocados, assim como o discurso que ouvi durante oito semestres, não contando as pausas para greves, ou melhor, férias. Mas como começar? Pelo fim, pra não ser tão conservadora. Já que tenho quase certeza de que serei linear.

Saio da Universidade em 86.2 licenciada em História. Com mais dúvidas e menos, muito menos otimismo do que entrei. Não posso afirmar que tenho determinada formação, nem quanto à teoria, nem quanto à metodologia.

Com muito suor, tentou-se ao longo do curso passar-se uma visão do materialismo histórico dialético como forma "nova" de conceber a realidade social. Porém, a defasagem e a fragilidade do discurso, não no que concerne à teoria em si mesma, mas em relação à prática pedagógica apresentada pela maioria, causou-me decepção. Fala-se muito em dialética, mas não se é dialético. Fala-se muito em consciência crítica, e não se discute nem se critica, repetem-se os textos. Fala-se muito em formar educadores atuantes, mas, na verdade, saímos meio sem rumo da Universidade. É raro se produzir realmente algum conhecimento novo. Quando muito, engolimos e reproduzimos — uma espécie de ruminação — alguma coisa.

(*) Memorial apresentado à Comissão de Seleção ao Curso de Mestrado em Educação da UFC, 1987.

É-nos proposto fazer com que o texto (objeto) apareça em toda a sua totalidade, com todas as suas contradições, levando em conta que sua forma pode ser dissimulada por determinados interesses, sem que por isso seja rotulado de falso; investigar sua origem, produção, a razão de ser de sua existência e entender sua objetividade, compreendendo que sua análise não é uma coisa separada e observada à distância do investigador (sujeito), mas algo que contém uma explicação e participa do real histórico, tanto o do passado, quanto o do presente. A proposta é clara, mas a prática não. A prática é somente teoria.

É claro que tenho presente Fortaleza, Ceará, Brasil, Planeta Terra, 1987. E é exatamente por isso que entendo que urge se *pensar* em termos de *hoje*. Sempre tive a impressão de que a Universidade não chegou aos anos 80. Imagine! E estamos em 87! Vale como exemplo o movimento estudantil. Seu *slogan*: "Ah! Saudosos anos 60!" (os quais não vivemos, diga-se de passagem!)

Então concluo que a defasagem existe, do discurso em relação à prática pedagógica, do discurso em relação à prática social, da instituição em relação a seu tempo. Como entendo espaço e tempo inseparáveis, ou a Universidade avança ou se rende de uma vez. E essa mesma impressão tenho eu da escola de primeiro e segundo graus, apesar da minha limitada experiência — seis meses de Prática de Ensino II (GARANTIDOS PELA UNIVERSIDADE!) com aulas para equipes de cinco alunos, somados a dois meses de magistério numa escola particular.

Como tornar a aula tão interessante quanto o computador, o videogame, o videocassete, já que as crianças da minha escola têm acesso a tudo isso? Sinto-me, às vezes, na idade da pedra.

Nesse caos, as indagações continuam: por onde e como se poderia começar alguma inovação no ensino de História? Existirão soluções dentro dos limites de nossa sociedade? Será que a minha ânsia de encontrar uma solução não cairia na armadilha de apenas modernizar os mesmos antigos objetos e meios de controle?

Não tenho respostas, mas ouço: "PROJETOS ELITIZANTES!" De minha consciência crítica rebatendo a de classe Fragmentada, reconheço o dito acima e a mim mesma enquanto cidadã do sistema.